

O Reisado de Caetés e Garanhuns: um olhar folkcomunicação pelas lentes da identidade e do imaginário¹

Eliana Maria de Queiroz Ramos²
Jademilson Manoel da Silva³
Verônica Del Pilar Proaño de Fox⁴
Leonardo Willie Ferreira de Assis⁵
Decilene dos Santos Mendes⁶
Débora Bezerra de Almeida⁷
Roberto Emerson da Câmara Benjamin - orientador⁸

Resumo

Este artigo visa estudar os folguedos de Garanhuns Reisado da Boa Vista e Reisado de João Tibúrcio, além do Reisado Caldeirão do Chapéu, do município de Caetés, em Pernambuco. Observa-se a configuração destas manifestações populares em termos de identidade, pertencimento, imaginário, assim como veículo folkcomunicação. Como perspectiva teórico-metodológica, adota-se a folkcomunicação com diversas técnicas de pesquisa exploratória. Nesses termos, o reisado se configura como uma manifestação remanescente da literatura oral, que congrega *performance*, dança, dramatização e gestualidade para transmitir a herança dos antepassados, mas que hoje já se encontra híbrido. No Nordeste, além da representação do ciclo natalino e visita dos Três Reis Magos, encontra-se a batalha de Oliveira e Ferrabrás e a luta entre cristãos e mouros, por influência das catequeses jesuítas, mesclados à presença do Padre Cícero. Em Caetés há fortes evidências da presença de cristãos novos.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Imaginário; Pertencimento; Reisado.

Introdução

O objeto de estudo deste artigo é o folguedo Reisado da Boa Vista comandado por Mestre Benone, e o Reisado de João Tibúrcio, do Sítio Buraco D'água, ambos de Garanhuns, além do Reisado Caldeirão do Chapéu, de Caetés. As três manifestações estão localizadas em municípios de Pernambuco e vêm mobilizado os jovens rurais. O reisado pertence ao ciclo natalino e se apresenta até o Dia de Reis, comemorado no dia 6 de janeiro, com partes

¹ Trabalho apresentado no DT-08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Jornalista, gestora em turismo cultural, pesquisadora da Rede Folkcom e mestranda do Programa em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

³ Jornalista, especialista em comunicação e marketing, pesquisador da Rede Folkcom, professor universitário e mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

⁴ Jornalista e mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

⁵ Publicitário, especialista em marketing e propaganda, professor universitário e mestrando do Programa em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

⁶ Jornalista, pedagoga, especialista em jornalismo cultural e comunicação social, professora universitária e mestranda do Programa em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

⁷ Assistente social e aluna especial do Programa em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE.

⁸ Professor associado da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

dançadas, declamadas e cantadas, lembrando os três Reis Magos (Melchior, Baltazar e Gaspar), seguindo a estrela do Oriente até Belém. Atualmente, encontra-se quase extinto, mas descobriu-se que ainda existem em torno de seis reisados atuando na área de Garanhuns (PE) e circunvizinhanças⁹.

Com a finalidade de observar a configuração dos reisados de Garanhuns e Caetés na perspectiva da folkcomunicação, indagou-se se os mesmos estariam conservando a identidade e alimentando o imaginário do local. Verificou-se também sua importância como manifestação remanescente da oralidade permanente no imaginário das pessoas, cuja memória persiste até hoje.

Este estudo se justifica tendo em vista a proposta de reconhecimento do reisado como patrimônio imaterial brasileiro, lançada pela Comissão Cearense de Folclore, durante o IV Encontro Mestres do Mundo no Memorial Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, em dezembro de 2008 (DEFENDER, 2008).

Reisado: origem e trajetória



O reisado teve origem nas festas portuguesas denominadas janeiras, que no Brasil eram celebradas até o final do século XIX, desde o Natal até o Carnaval, acompanhado por foles (sanfona e harmônica), adufes (pandeiro), caixa de guerra (tambor) ou zabumba e composto por vários motivos como a luta de reis com fidalgos. Derivam-se do reisado duas modalidades: os ternos e os ranchos. Os grupos de reisado cantam e dançam, batendo de porta em porta com apresentações em homenagem aos Reis e ao Menino Jesus, ao passo que recebem as boas-vindas dos donos da casa, quase sempre acompanhadas de presentes, comida e bebida (CASCUDO, 2001).

De acordo com Nunes (2007), não se sabe exatamente onde surgiram no Brasil os reisados, mas há a hipótese de que tenha sido na zona açucareira e depois migrado para o sertão. Mais especificamente em Alagoas, que na época pertencia à capitania hereditária de Pernambuco. Isto porque, para Brandão (2003), este estado estava integrado na área da cana-de-açúcar, onde os folguedos natalinos, as danças e os autos saíram dos engenhos por influência dos senhores de engenho e das ordens catequistas. Os reisados existentes hoje em Garanhuns e adjacências são provenientes do Reisado do Mestre Cândido, que possivelmente teria migrado de Alagoas.

⁹ Pesquisa de campo realizada em dezembro de 2008, nos municípios de Caetés e Garanhuns.

O reisado também sofreu influência do sebastianismo, implantado pelo movimento jesuíta, que reproduziu o imaginário português da época de Dom João III, do Dom Sebastião e dos regentes, que em seu nome governavam Portugal. Tal imaginário repercutiu no Brasil Colônia a mesma atmosfera social e cultural, de índios, negros, protestantes e cristãos-novos, tratados como infiéis pelas missões catequéticas. De acordo com Barreto (1998), a história reservou para Dom Sebastião um papel de predestinado, reforçado após sua morte “entre os inimigos mouros, no Marrocos, na célebre Batalha dos Três Reis, em Alcácer-Quibir [...]” (BARRETO, 1998, p.51). Segundo ainda este autor, as santidades dos séculos XVI e XVII se assemelhavam ao sebastianismo. Elas eram uma espécie de asilo sagrado onde qualquer pessoa (escravos, índios, colonos, cristãos-novos, inimigos da Coroa) era acolhida.

O sebastianismo ganhou força no Brasil, a partir das interpretações dos profetas Isaías e Daniel feitas pelo Padre Antônio Vieira em *A História do futuro ou do Quinto Império do mundo e as esperanças de Portugal*. Segundo Chauí (2001, p.76), o padre Vieira revela que Portugal foi profetizado para cumprir a profecia danielina, “instituído o Quinto Império do Mundo, tendo à frente o Encoberto, um rei que será o último avatar de El Rei Dom Sebastião¹⁰.”

Como repertório das festas jesuínas, o reisado compõe-se de várias partes, como abrigão da porta; entrada; louvação ao divino; chamadas do rei; peças de sala; danças; a guerra; as sortes e despedida. A guerra no reisado remete à luta entre cristãos e mouros (CASCUDO, 1978), em particular, à história de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, e à história do cavaleiro Oliveiros, filho do duque Regner de Hens, que venceu Ferrabrás¹¹ em batalha, viva na memória coletiva graças aos folhetos de cordéis no Nordeste assinados por Leandro¹² e lidos em voz alta, nas declamações e representações populares.

Considerado uma representação dramática, acompanhada de anedotas e precedida de canto, o reisado está num processo de transição da literatura oral, que pode ser composta tanto pela cantoria como também pelo enredo. O saber do reisado é repassado de geração em geração mediante a transmissão de conhecimentos pela oralidade. Queiroz (2007) afirma que a *performance* envolve condições de expressão e de percepção, designando um ato de comunicação. Ou seja, trata-se da materialização de uma mensagem poética por meio da voz humana e daquilo que a acompanha, o gesto, ou mesmo a totalidade dos movimentos

¹⁰ Segundo o Padre Vieira, o Brasil seria a terra da promessa, cabendo às ordens jesuítas o papel de pregadores ativos (evangelização) e contemplativos na instalação do reino da Graça. Cf. CHAUI (2001).

¹¹ O nome Ferrabrás, segundo Réau & Cohen significa braço poderoso, conhecido pelo nome de *Guillaume d'Orange*.

¹² O cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros, um dos maiores trovadores nordestinos, viveu entre 1865-1918, escreveu entre outros folhetos famosos *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, Editora Luzeiro.

corporais (QUEIROZ, 2002, p.10).

Essa pesquisa foi realizada nas cidades de Garanhuns e Caetés, localizadas no agreste setentrional do estado de Pernambuco. Distante 235 quilômetros do Recife, Garanhuns possui uma população de 125.141 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2004), dos quais 88% na zona urbana e uma área 472,46 km². Limita-se ao Norte, com os municípios de Capoeira e Jucati; ao Sul, Terezinha, Lagoa do Ouro, Brejão e Correntes; ao Leste, São João e Palmeirinha; ao Oeste, Caetés, Saloá, Parapama, Brejão e Terezinha. Incrustada entre sete colinas e belas paisagens, Garanhuns surgiu como município em 1811 e como cidade em 1879 (PREFEITURA DE GARANHUNS, 2006). Caetés surgiu de um povoado de Garanhuns. Seu fundador Miguel Quirino dos Santos, deu-lhe o nome de São Caetano, modificado em 1938 para Caetés. Tornada cidade em 1963, hoje tem uma população de 24.137 habitantes, dos quais 5.508 na zona urbana e 18.629 na rural. Possui área de 330 km² e dista 252 quilômetros do Recife.

Referencial Teórico e metodológico

Criada por Luiz Beltrão, em 1967, a Teoria da folkcomunicação dedica-se ao “estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias” (MELO, 2008, p. 17). Na sua terminologia entram o folclore, como objeto de estudo, e a comunicação como área de conhecimento, dentro das ciências humanas, que fornece os referenciais teóricos e metodológicos. Os discípulos de Luiz Beltrão vêm ampliando a pesquisa dos fenômenos folkcomunicacionais. Segundo Hohfeldt (2008), a disciplina estuda

os procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. (HOHFELDT, 2008, p.82).

O imaginário é uma forma de representação simbólica do mundo real (LAPLANTINE e TRINDADE, 2003), e nele os indivíduos colocam suas emoções, ideologias, poesias, concepção de mundo, mudando muitas vezes o sentido. Já a identidade seria o sentido de pertencer que as pessoas trazem, enquanto seres simbólicos (MARTINS, 2003, p.42), mas também ela é: “relacional e segmentada” (LUCENA, 2007, p.51). Para Lucena (2007), a identidade é uma construção social e não um dado acabado. Mas, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que seja uma ilusão, que dependeria da subjetividade dos

agentes sociais.

O presente trabalho foi elaborado utilizando a tipologia apresentada por Melo (2008). No que se refere ao gênero comunicacional, situa-se o reisado tanto na folkcomunicação oral, que utiliza o canal auditivo e os códigos, verbal e musical, quanto na Cinética. No que se refere ao formato que trata da estratégia de difusão simbólica determinada pela combinação de intenções (emissor) e de motivações (receptor), o reisado, como folkcomunicação oral, utiliza o canto, a música, a prosa, o verso, o colóquio, a zombaria e até a reza.

Também adotamos a classificação que Roberto Benjamin (2001, p. 16) traz no livro *Folkcomunicação no contexto de massa* para a nova abrangência da folkcomunicação em seis tópicos: 1) a comunicação interpessoal e grupal ocorrente na cultura folk, cuja área de estudos é a produção das mensagens; 2) a mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massas, cuja área de estudos é a recepção¹³; 3) a apropriação de tecnologias da comunicação de massas e o uso dos canais massivos por portadores da cultura folk, cuja área de estudo é a produção; 4) a presença de traços da cultura de massas absorvidos pela cultura folk, cuja área de estudo é a recepção e os efeitos; 5) a apropriação de elementos da cultura folk pela cultura de massas e pela cultura erudita (projeção do folclore), cuja área de estudo é a produção e os efeitos da mensagem; e 6) a recepção na cultura folk de elementos de sua própria cultura reprocessados pela cultura de massa, cuja área de estudo é a recepção e os efeitos.

Por se tratar de uma manifestação tradicional, considerou-se essencial utilizar os métodos, histórico e etnográfico, para compreender o reisado. Adotou-se um método qualitativo de coleta de dados que incluiu revisão bibliográfica, visitas às cidades de Garanhuns e Caetés para observação direta dos reisados, além de um roteiro etnográfico. E para identificar e registrar a *performance* e a literatura oral, as técnicas de fotografia, diário de campo, gravação das entrevistas e filmagem. Trata-se de um estudo de caso, pois investiga-se “um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real” (YIN, 2005, p. 32).

Reisados de Garanhuns e Caetés

Os reisados existentes hoje em Garanhuns e adjacências são provenientes do Reisado do

¹³ Segundo Benjamin (2001, p.17), estudos de psicologia da comunicação demonstram que a percepção do conteúdo da mensagem está sujeita a critérios de exposição seletiva (onde as pessoas só aceitam receber mensagens que não contrariem suas idéias, preconceitos e interesses; percepção seletiva (mesmo quando não podem fugir à exposição de idéias indesejadas, as pessoas só percebem o que lhes é favorável) e retenção seletiva (onde somente retêm o que reforça seu ponto de vista, esquecendo o que lhes são desfavoráveis).

Mestre Cândido, que possivelmente teria migrado de Alagoas. A partir dele, surgiu o Reisado de Mestre Sinhozinho, que morreu em 2008 com mais de 90 anos e, por influência deste, surgiram outros. Atualmente, o reisado da região é composto por jovens estudantes, agricultores, pedreiros, funcionários públicos e aposentados¹⁴.



Segundo dona Terezinha, filha de um antigo mestre e a mais idosa do Reisado do Mestre Benone, “o reisado de Garanhuns, veio de Alagoas”.¹⁵ Tanto o de Garanhuns quanto o de Caetés são dançados no período de dezembro a janeiro ou, às vezes, em março ou abril, quando existe programação na cidade, a exemplo da Garanheta¹⁶. Os ensaios que começam em setembro ou outubro se estendem até dezembro, quando iniciam as apresentações. No reisado de Garanhuns não há as sortes nem entremeios¹⁷, e no de Caetés é a figura de Mateus quem faz às vezes da sorte, solicitando dinheiro e tampouco há entremeios.

O reisado costuma se apresentar nas festividades culturais (no caso de Garanhuns) e ou nas residências das pessoas que os convidam (no caso de Caetés), podendo a inversão também ser verdadeira em ambos os casos. O grupo obedece a uma ordem de cantos e danças, que são alternados de acordo com o ânimo da brincadeira. Hoje, em decorrência da sobrevivência ou com o objetivo de angariar fundos para a manutenção do grupo, os convites para dançar (brincar) são aceitos em qualquer data.

Os reisados de Garanhuns e de Caetés são considerados manifestações populares, que têm como componentes a dança, a música e as loas muitas vezes dramáticas, além de anedotas e charadas, tiradas pelo mestre e embaixador. São motivos do folguedo situações típicas da região, a guerra da Alemanha, o problema de imigração dos nordestinos para São Paulo, além das disputas eleitorais do município (Caetés) e as viagens dos romeiros para Juazeiro do Norte.

¹⁴ Informação oral do artista plástico Edmilson Vieira em 18, nov. 2008, confirmada em pesquisa exploratória em Garanhuns.

¹⁵ Informação oral obtida em Garanhuns obtida no dia 7, dez. 2009.

¹⁶ Carnaval fora de época realizado entre os meses de março e abril.

Reisado de João Tibúrcio

A composição dos grupos é tipicamente familiar. Fundado pelo pai em 1960, o reisado do mestre João Tibúrcio seguiu sua trajetória dentro desse folguedo até meados de 1970, quando teve de parar, sendo retomado sob seu comando em 1990: “Tem 20 integrantes [...]. Tem mais mulher que crianças. [...] O reisado é do meu avô, João Caetano da Silva e depois do pai dele, João Tibúrcio” (MESTRE JOÃO TIBÚRCIO, dez. 2008). Os grupos de reisados são acompanhados por tocadores que utilizam alguns instrumentos musicais, entre eles, triângulo, pandeiro, viola e violão. O personagem Mateus, circula tocando pandeiro e maracá com o intuito de conduzir a animação.

Reisado da Boa Vista de mestre Benone

Comandado por mestre Benone, o Reisado da Boa Vista, de Garanhuns (PE), teve origem no reisado do mestre Sinhozinho e do mestre Cândido Sertanejo, que faleceu em 1979. “Eu comecei a brincar em 1954 e nós demos continuidade. É quase tudo família” (MESTRE BENONE, dez. 2008). O pai de mestre Benone era rei no antigo reisado e ele era embaixador. “Hoje, a juventude já está começando a entender o que é a cultura, a tradição e nós damos continuidade para não deixar morrer” (MESTRE BENONE, dez. 2008).

O Reisado da Boa Vista trabalha com músicas antigas (do mestre velho), mas também tem melodias novas compostas pelo agricultor Francisco Maciel (Chicão), 56 anos. Todas de caráter religioso e também alusivas à batalha de Oliveira e Ferrabrás. Com relação aos integrantes do reisado, mestre Benone explica: “Somos vinte, o certo é 18. O grupo é misto, mas tem mais mulher. A idade é de 8 a 80, tem até de 82. O grupo é mais familiar formado por tios, primos, filhos, netos e parentes”.

Reisado Caldeirão do Chapéu

Uma particularidade dessa apresentação foi a ausência do mestre Luiz Pastora: “O mestre é de São Paulo e a mulher está doente e disse que não vai mais brincar [...]. Vou brincar hoje na posição de mestre. Comecei a brincar desde pequeno com três ou quatro anos”

¹⁷ Entremeios referem-se àquilo que constitui elemento novo na manifestação popular.

(JOSÉ SILVA, dez. 2008)¹⁸. Com relação aos integrantes do grupo, o primeiro embaixador José explicou ser em número de trinta. Porém, devido ao fato de alguns terem ido morar em São Paulo, apenas treze iriam se apresentar. O entrevistado revelou outros detalhes sobre a composição do grupo:

No reisado só tem homem. Tem umas meninas que hoje vão brincar com a gente [...] Tinha umas figuras: Viuvinha e Zabelê, mas eu não trouxe hoje [...] Mateus é o palhaço, faz graça, faz careta e brinca. Manda organizar a pisada [...] Mateus tinha uns quatro. Tem dois em São Paulo e dois aqui (JOSÉ SILVA, dez. 2008)¹⁹.

Segundo José Silva, algumas cantigas foram repassadas através de seus avós, parentes e amigos e outras compostas pelo grupo. “As músicas têm temas religiosos em homenagem aos Reis Magos e à Maria. Tem a música da guerra da Alemanha, de São Paulo, de São Gonçalo do Amarante, que fala de Recife. Tem homenagem a Frei Damião” (JOSÉ SILVA, dez. 2008).



Discussão

O reisado, portanto, é uma forma de folkcomunicação que se apropria de símbolos religiosos e, através destes, utiliza-se de cultos, vestes, expressões, valores e crenças. Sendo assim, constata-se que o imaginário individual, através dos símbolos que o envolvem, torna-se coletivo e, acima de tudo, sagrado pelas emoções dos protagonistas, expressões de respeito e devoção, as fantasias, a simbologia existentes em suas letras e músicas, em seus passos de dança. Imaginário também visível nas estórias e canções que remetem aos “encantados”, sendo o próprio Dom Sebastião um nome recorrente bem como personagens ligados às narrativas das Cruzadas e das guerras de Carlos Magno, presentes nas loas e canções. Segundo Lima e Silva (2008, p.4), os encantados são seres que habitaram a terra e não morreram, mas se encantaram, podendo ser encontrados na natureza.

Essa lógica compartilhada, que é imaginária e real para quem a vive, faz com que os reisados sobrevivam, com seus personagens, vestimentas, crenças e rituais, possibilita que essa manifestação seja hoje reconhecida como patrimônio brasileiro. O mito sebastianista também faz parte das danças que guardam relação com as cerimônias e ritos das santidades, que, por sua vez, incorporam ritos híbridos indígenas (toré), negros e brancos.

¹⁸ Entrevista realizada no dia 7 de dezembro de 2008 na comunidade Caldeirão do Chapéu na cidade de Caetés. A entrevista foi gravada e feita antes da apresentação do grupo.

¹⁹ Na apresentação do grupo apenas um Mateus acabou comparecendo. O motivo da ausência do segundo não foi esclarecido.

Observa-se três reisados, cada qual com sua peculiaridade. Os reisados de Garanhuns e de Caetés têm como modelo nuclear (ZUMTHOR *apud* NASCIMENTO, 1994) a comemoração da natividade, a celebração dos reis magos, a recordação das batalhas entre cristãos e mouros. Pode-se apontar que nas músicas há um tom de exaltação da natureza, do local, onde as comunidades se situam, e mesmo a saudade de pessoas ou fatos que ficaram na memória, bem como motivos líricos românticos. Quanto ao pertencimento, identifica-se um *ethos*²⁰ próprio de vivência, norteado por um passado que é glorioso, mas que os integrantes do reisado sabem que não volta mais.

Por outra parte, embora Mestre Benone não se sinta muito à vontade ao se referir à sua atividade laboral, a agricultura: “Eu trabalhei tanto, que nem aprendi nada, não sei ler nem escrever, [...] e hoje eu tenho até vergonha de dizer que sou analfabeto” (MESTRE BENONE, dez. 2008), percebe-se que se sente valorizado quando incorpora o papel de mestre no reisado. O mesmo acontece em Caetés. O brilho surge nos olhos do primeiro embaixador, José Silva, quando ele faz às vezes de mestre: “O mestre é o cabeça do reisado [...]. Se dependesse de mim, toda semana a gente brincava [...]” (JOSÉ SILVA, dez. 2008).

O sentido de pertencimento também se estabelece quando os jovens, principalmente em Caetés, se relacionam e entram na dimensão simbólica deste existir. É interessante ressaltar, ainda, a importância dos idosos na transmissão da tradição oral. No reisado, a identidade também pode ser vista como uma construção social dos grupos. Considera-se que, de maneira geral, as melodias mimetizam as entoações da fala para manter o efeito de que cantar é também um modo de dizer algo, só que de uma forma especial. Tal como acontece na *performance* do Mateus, que na sua brincadeira acaba unindo o profano e o sagrado de forma lúdica, tanto no reisado de Garanhuns como no de Caetés. Isto é, o popular se imbrica com o tradicional nos ditos jocosos desse personagem.

As músicas também se remetem ao cotidiano dos integrantes do reisado em sua atividade laboral, como no seguinte trecho: “Estrela D’alve, quando sai de madrugada, que a lua vem encostada, para o ano é bom sinal. A chuva chove, o tempo está moderno, este ano é bom de inverno, vamos todos trabalhar” (REISADO CALDEIRÃO DO CHAPÉU, dez. 2008). O dia-a-dia está presente ainda nos motivos líricos sertanejos: “Ô que saudade do meu velho pé de serra, saudade da minha terra, onde morava meu bem. Ia passando, ela chorou na janela, olhei para ela comecei a chorar também” (REISADO CALDEIRÃO DO CHAPÉU,

²⁰ Termo de origem grega utilizado em retórica, que significava o costume, o hábito, o caráter que o escritor ou orador adotava para dar uma imagem dele mesmo que inspirasse confiança no público; designa igualmente uma descrição explícita alusiva dos costumes da época. (E-dicionário de termos literários)

dez. 2008).

Enquanto veículo de folkcomunicação é possível dizer que o reisado desenvolve cinco dos seis tópicos da nova abrangência da folkcomunicação: *a comunicação interpessoal e grupal ocorrente na cultura folk*, onde se processam as mensagens pelos integrantes de forma oral, gestual e performática dos seus antepassados e que se concretizam na própria manifestação como forma de manutenção de suas raízes e tradições. Constata-se aqui a produção de mensagens.

Neste processo também ocorre a transmissão de informações e tradições, sempre úteis e de natureza educativa. “A transmissão de valores do grupo e a reiteração da sua identidade podem ser observadas como elementos constantes da prática narrativa” (BENJAMIN, 1996, p. 17). Isso pode ser observado na canção do reisado de Caetés e nas loas dos reisados dos mestres Benone e João Tibúrcio, sobre a batalha de Oliveiros e Ferrabrás, que reforça o horror a essa guerra, ocorrida na Alemanha. É nesse sentido que se considera de grande relevância o estudo da narrativa oral popular do reisado, como *folk media*.

A mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massa nas canções que aludem ao padre Cícero Romão²¹ e a Juazeiro (CE), localizada no Cariri, espécie de “Meca do Sertão”. Igualmente as músicas aludem ao Frei Damião, um dos maiores expoentes das santas missões consolidadas ao longo do século XIX e que nunca desapareceram do Nordeste. Neste processo, percebe-se a exposição seletiva de mensagens que não sejam contrárias às suas idéias, preconceitos e interesses, no caso a própria religiosidade dos receptores populares.

A apropriação de tecnologias da comunicação de massas e o uso dos canais massivos por portadores da cultura folk, no que se refere à presença do reisado em eventos massivos tais como a Festa da Lavadeira, que ocorre em maio, na Praia do Paiva, em Jaboatão do Guararapes (PE); o Festival de Inverno de Garanhuns, que em junho congrega artistas de todo o Brasil, as apresentações natalinas na Casa da Cultura, no Recife, além do encontro de reisados em Garanhuns. O reisado também se incorpora ao massivo mediante a divulgação das apresentações em veículos de comunicação, como na rádio local. Ou seja, enquanto manifestação popular, o reisado ocupa lugar na cultura massiva e percebe-se a produção de mensagens por canais da comunicação mediatizada.

Há *a presença de traços da cultura de massa absorvidos pela cultura folk*, como nos reisados do Mestre Benone e de João Tibúrcio que adotaram nos ensaios o modismo do uso de microfone e violão com caixa amplificadora. Ou seja, percebe-se aqui a recepção e os

²¹ O Padre Cícero atraiu um contingente de romeiros para Juazeiro, a maioria imigrantes de Alagoas que lá fixaram morada.

efeitos da cultura de massa nos segmentos populares.

A recepção de elementos de sua própria cultura reprocessada pelas cultura de massa, a exemplo do que acontece com a letra de uma música do reisado Caldeirão do Chapéu de Caetés, que serve como meio de divulgação política e eleitoreira, do ex-prefeito, Zé da Luz: “Caetés, cidade de ouro, para mim vale um tesouro, o prefeito Zé da Luz, eu tenho fé, em Maria e Jesus, que o prefeito Zé da Luz nunca vai sair daqui”. No que se refere aos processos de hibridização, nota-se que o reisado do Mestre Benone incorporou alguns elementos de outras comunidades, a exemplo da introdução no vestuário de sapato de duas cores (preto e branco), uma característica do samba de malandro, do Rio do Janeiro, além do meião de jogador de futebol usado tanto por homens quanto por mulheres durante a apresentação.

Conclusão

Nos três reisados estudados, observa-se a devoção aos valores cristãos, a exaltação à Virgem Maria, ao Menino Jesus e o culto aos reis magos, além da memória da guerra da Alemanha (a batalha de Oliveira e Ferrabrás) e o sentimento de pertença à localidade, cantando músicas que remetem aos encantos da região. O reisado de Caetés ainda preserva algumas das tradições mais originais da manifestação, como a visita de casa em casa no período da natividade de Cristo, enquanto os de Garanhuns têm *performances* mais elaboradas e ensaiadas, lembrando a forte influência indígena (pelos passos) e negra (pela letra).

A partir de algumas observações *in loco* é possível inferir que o reisado de Caetés tem herança dos cristãos novos, principalmente pelos hábitos alimentares, pois evitam comer carne de porco e receitas preparadas à base de sangue de animais, além do biótipo de seus integrantes cujos traços e cor de pele remetem a imigrantes judeus.

Tanto nas entrevistas realizadas juntos aos integrantes, quanto na forma da expressão dos reisados de Garanhuns e Caetés, encontra-se uma lembrança do passado, a tradição sendo transferida através das descendências. No reisado de Caetés, por exemplo, percebe-se um grupo expressivo de jovens adolescentes (do sexo feminino e masculino) praticando a brincadeira. Já nos de Garanhuns constata-se a participação de crianças e idosos. Nota-se assim a determinação de não deixar os valores dos antepassados morrerem, uma forma de estabelecer relação com as origens.

Entende-se que, mesmo no contexto rural, essas comunidades fazem uso dos canais massivos, a exemplo dos eventos como o Festival de Inverno de Garanhuns e outros que se

mencionou anteriormente. Também se percebe que os reisados remontam-se ao imaginário, trazendo para o real o cotidiano de lutas e de uma história que fala de religião e de fé. Ao recontá-los marcam a interseção cultural e sincretismo, evidenciando uma resistência para se manter um catolicismo rural, através da dança, da fé, das canções, numa época de religiosidades múltiplas.

As canções remetem à profunda religiosidade, respeito e devoção pela sagrada família evidente no gestual e expressões faciais. Por outro lado, a luta do bem contra o mal, que caracteriza o próprio cristianismo, é observada nas músicas e na *performance* da luta de espadas, simbolizando a batalha de Oliveira e Ferrabrás, que pode ser interpretada como uma herança jesuítica.

Já o sebastianismo está presente na letra da música que fala do canto do saudoso, Dom Sebastião, e, ainda, na do Padre Cícero. Talvez em virtude da presença de uma possível santidade na região do Agreste. Também o romantismo do homem simples do campo se faz constante nas letras que falam de amor e saudade. Observa-se a herança indígena, nos passos que lembram a toré. Nas canções, a herança negra em trechos como “Nhambuco”, “Quilareando” e alusão a Aruanda. Bem como a presença sertaneja no aboio do Mateus.

O reisado é, assim, um remanescente da literatura oral, que congrega dança, música, dramatização e gestualidade, para transmitir o legado cultural, mas que hoje é considerado híbrido, pois já abre mão dos entremeios, por conta da contingência econômica dos integrantes e, ainda, devido à falta de incentivo e patrocínio. E, no caso do Nordeste, mesclando à história dos cavaleiros de Carlos Magno, a presença do Padre Cícero e Frei Damião. Mais especificamente nos reisados de Garanhuns e Caetés, há fortes evidências da presença de cristãos novos.

Observa-se ainda que os mecanismos e procedimentos usados pelos reisados de Garanhuns e Caetés, na comunicação interpessoal, intergrupar e mesmo extra-grupo, buscam transmitir e perpetuar suas idéias, valores, sentimentos, experiências e tradição, desempenhando assim a função de meio folkcomunicacional. Enquanto manifestação da folkcomunicação, o reisado não está alienado da comunicação massiva. Além dos veículos de comunicação de massa fazerem parte do cotidiano de seus integrantes, eles são utilizados na divulgação da própria manifestação, através do rádio e, inclusive, registros audiovisuais, como também as participações dos grupos nos mais diversos eventos que congregam grande público. As indumentárias, músicas, letras, loas, a dança, *performance* e mesmo os próprios integrantes dos reisados em questão constituem um fenômeno folkcomunicacional, no qual

todos os elementos mencionados atuam como canais que transmitem mensagens históricas, religiosas, do cotidiano, da política, da moralidade.

Referências

BARRETO, Luiz Antônio. **Os Vassalos do rei**. Aracaju: Editorial de Sergipe, 1998.

BENJAMIN, Roberto Emerson da Câmara. **A fala e o Gesto**: ensaios de folkcomunicação sobre narrativas populares. Recife: Imprensa Universitária, 1996.

_____. **Folkcomunicação na Sociedade Contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

_____. **Folkcomunicação no contexto da massa**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, Editora Universitária/UFRN, 2001.

BRANDÃO, Theo. **Folguedos Natalinos**. Maceió: Museu Théo Brandão. UFAL, 2003.

_____. Nome e número dos pares de França. **Revista Jangada Brasil**. Ano VI, ed. 76, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/marco76/im76003a.asp>>. Acesso em: 25, jan. 2009.

CASCUDO. Luís da Câmara. **Folclore do Brasil (pesquisas e notas)**. Rio de Janeiro, São Paulo, Fundo de Cultura, 1967.

_____. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: INL, 1978 (coleção Documentos Brasileiros: v. 186)

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11ª. Edição Ilustrada. São Paulo: Global, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: O mito fundador e sociedade autoritária**. História do Povo Brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

DEFENDER LOSEKANN, Silvana. **Pelo registro do reisado**. Nacional. Notícias. 8 de dez. 2008 Disponível em< <http://www.defender.org.br/pelo-registro-do-reisado/>> 2008.

REIS, Teresa. Verbete Ethos In: CEIA, Carlos. **E-Dicionário de termos literários**. In: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/ethos.htm>>. Acessado em 02.05.2010

HOHFELDT, Antônio. Contribuição aos estudos acadêmicos de Comunicação social. In: MELO, José Marques de; TRIGUEIRO, O. (orgs). **Luiz Beltrão**: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, Intercom, 2008.

_____. Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século. In: **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. SCHIMDT, C. (Org). São Paulo: Ductor, 2006.

LAPLANTINE, François.; TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é Imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LIMA E SILVA, Regina Célia de. **A presença do romanceiro ibérico na encantaria brasileira**. 2008. Disponível em:

<http://74.125.47.132/search?q=cache:fbZ7QYk0pPcJ:www.hispanista.com.br/PDFs/Presen%C3%A7a%2520do%2520Romanceiro%2520na%2520Encantaria%2520Brasileira.pdf+Hist%C3%B3ria+do+Imperador+Carlos+Magno+e+os+doze+pares+da+Fran%C3%A7a&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br&lr=lang_pt&client=firefox-a> Acesso em: 6 fev. 2009.

LUCENA, Severino. **A festa junina: uma estratégia de folkmarketing.** João Pessoa: UFPB, 2007.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular.** História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTINS, Clerton. (Org). **Turismo, Cultura e Identidade.** São Paulo: Rocca, 2003

NASCIMENTO, Bráulio do. **Literatura Oral: limites da variação.** Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, em Caxambu, Minas Gerais, 12 a 16 de jun. 1994. Rio de Janeiro: Editorial de Sergipe, 1994.

NUNES, Cícera. **O reisado em Juazeiro do Norte (CE) e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente:** uma proposta para a implementação da lei n°. 10.639/03. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Fortaleza: UFC, 2007.

PREFEITURA DE GARANHUNS, 2006. Disponível em:
<http://www.garanhuns.pe.gov.br/a_cidade.php>. Acesso em: nov. 2008.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **Ritmo e poesia no Nordeste brasileiro:** confluências da embolada e do rap. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural. Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.

_____. **As inscricuras do verbo:** dizibilidades performáticas da palavra poética africana. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

RODRIGUES, Inara Conceição. A comunicação oral e a sua importância para a transmissão da cultura popular. GT 2-Gêneros e Formatos Folkcomunicacionais. No. 173. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima (orgs). **Folkcom – do ex-voto à indústria dos Milagres:** a comunicação dos pagadores de promessas. Teresina: Halley, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & Ativismo Midiático.** João Pessoa: Universitária, 2008.